

No Húmus  
Opiniões e Análises  
02.06.2016  
AS



29.750

# Exemplo de Verónica Macamo

VERÓNICA Macamo é presidente da nossa Assembleia da República. É a primeira mulher que assume tal cargo de tamanha importância na República de Moçambique, o que é bom para um país onde se vem defendendo a promoção da igualdade de género na ocupação ou atribuição de cargos de direcção e chefia no processo de governação.

Aliás, o facto de ser uma mulher a presidir o nosso Parlamento multipartidário é sinal inequívoco de que Moçambique tem vindo a registar progressos assinaláveis nas relações de género. Este é o segundo mandato que Verónica Macamo cumpre como presidente do nosso órgão legislativo, o que pode deixar transparecer que ela está a ser exemplo de capacidade no desempenho do nobre cargo, como mulher, isso para quem, logo à partida, terá pensado que não seria capaz.

Até porque no país sempre houve margem de dúvida sobre a capacidade da mulher de assumir funções de direcção e chefia. Sendo deputada do órgão que dirige, e à semelhança do que têm feito os seus colegas nos respectivos círculos eleitorais, Verónica Macamo também ausculta as preocupações que apoquentam as populações do respectivo círculo eleitoral, onde dá exemplos de como se deve fazer essa auscultação, usando a língua local, ou melhor dizendo, nacional, neste caso a que ela fala. Acredito que explicar as populações em língua nacional sobre as formas como devem ser superadas essas preocupações não acontece com muitos dos nossos representantes do povo.

Não é de duvidar que há deputados que caem no ridículo de pedir um intérprete quando estão a discursar num comício no seu círculo eleitoral, mesmo que sejam naturais desses locais. Há bem pouco tempo vimos e ouvimos nas televisões a Presidente da AR a discursar em língua nacional, num dos comícios populares que orientou no distrito da Namaacha. Se é um bom exemplo, no âmbito da valorização das línguas nacionais, então deve ser seguido por outros deputados ou dirigentes deste país.

Mas é nossa percepção que esse exemplo deverá ser seguido com a consciência profunda de que Moçambique, sendo um país de cidadãos de diversas línguas, é algo belo para conseguirmos cimentar cada vez mais a unidade nacional. Que temos de igualmente saber unir-nos em diversos elos etnolinguísticos, pois que, às vezes, Moçambique, este grande país é ignorado por nós, amiúde, no seu todo, por interesse disto ou daquilo.

Só assim é que um dia teremos a presidente da AR também a dar um exemplo de como se explicam, em língua nacional, os esforços do Governo tendentes a ultrapassar situações anómalas nos círculos eleitorais de Sofala, Nampula, Niassa, Tete, Manica, Cabo Delgado e Zambézia. Os nossos ilustres deputados têm de aprender as línguas nacionais para que lidem bem com o povo do seu círculo eleitoral. É absolutamente ridículo, por exemplo, que um deputado que é natural de Maputo, e o seu círculo eleitoral da Zambézia, não saiba falar sequer uma palavra da língua local. Mesmo acontecendo o inverso.

Se Moçambique é uno e indivisível, então não deve haver grandes dificuldades de percepção e conhecimento por parte dos nossos parlamentares sobre o papel das nossas línguas na manutenção e consolidação dessa unidade e indivisibilidade do nosso país. O mau uso das nossas línguas pode incentivar situações que não nos são benéficas neste momento.

Os deputados da nossa AR devem aprender a falar todas as nossas línguas para trabalharem bem nos seus círculos eleitorais, e que todos moçambicanos se sintam orgulhosos ao ouvirem falar as suas línguas em qualquer meio de informação. Parece ser tempo de aquele órgão de soberania criar um departamento de ensino e aprendizagem das línguas nacionais para eles, pois que o mais importante é que todos os moçambicanos se reencontrem, cada vez mais, em termos linguísticos, no propósito comum do progresso do país.